



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos jornais Brasil Econômico e O Dia, do grupo Ejesa
Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 20 de julho de 2010**

Presidente: O que importa é começarmos a nossa conversa aqui, porque eu tenho um dia, hoje...

Jornalista: Imagino

Jornalista: Mas, bom... A gente, então, vai, vai fazer...

Presidente: Não, não, deixa eu falar uma coisa para vocês: totalmente livre, perguntem o que vocês quiserem, não tem, não tem pergunta difícil, não tem nada complicado. Então, vocês estejam totalmente livres para fazer perguntas.

Jornalista: Perfeito, Presidente. Bom, então, vamos começar aí a nossa conversa.

Bom, em relação, Presidente, ao país que o senhor recebeu do seu antecessor, como é que o senhor imagina que será o país que o senhor entregará ao seu sucessor ou sucessora?

Presidente: Eu tenho, eu tenho a convicção de que nós vamos entregar um Brasil, no dia 1º de janeiro, infinitamente mais sólido, infinitamente mais justo, mais democrático, do que o país que eu recebi no dia 1º de janeiro de 2003. Do ponto de vista econômico, a situação está infinitamente melhor, o Brasil está estável, a economia está crescendo, nós temos reservas suficientes para enfrentar qualquer crise, tipo crise russa, tipo crise da Malásia, tipo crise do México, e mesmo a crise do *subprime* nós tivemos solidez para suportar essa



crise. Os salários dos trabalhadores estão crescendo, ou seja, nesses oito anos de governo, todos os acordos salariais de 90% das categorias tiveram ganhos reais de aumento de salário. As classes D e E deram um salto de qualidade, cresceu muito a classe C no Brasil. A educação tem melhorado substancialmente, sobretudo...

Os dados publicados pelo Ministério da Educação mostram uma evolução no sistema educacional brasileiro – se bem que, ainda, muitas coisas da educação básica dependem muito do estado e do município, e não do governo federal. Do ponto de vista da universidade, nós vamos terminar o governo entregando doze universidades federais novas prontas e duas para fazer: a Afro-Brasileira nós vamos começar, se Deus quiser, ainda este ano; a da América Latina já está mais ou menos... mas já vai começar o curso lá nos prédios de Itaipu, no estado do... em Foz do Iguaçu. Nós vamos entregar 314 escolas técnicas em oito anos, contra 140 em cem anos.

A pobreza tem diminuído muito no Brasil. E, sobretudo, o Brasil ganhou respeitabilidade internacional e ganhou muita autoestima interna. Então, o Brasil está muito mais preparado para continuar dando um salto de qualidade. A minha tese é que se o Brasil continuar no ritmo em que ele está nos próximos seis ou oito anos, o Brasil estará entre as cinco maiores economias do mundo, já em 2016, por conta das Olimpíadas. O que nós temos que fazer? A minha tese é que em economia não tem mágica, a gente não inventa, e não tem tese. Em Economia é uma coisa muito prática, você vai fazendo as coisas de acordo com as necessidades, tomando as medidas que têm que ser tomadas, sejam duras ou não, e voltando atrás no momento em que você tem que voltar atrás.

Eu vou dar um exemplo: quando saiu a crise americana, a primeira coisa que nós tomamos como medida foi criar políticas anticíclicas, ou seja, nós, em vez de fazer contenção, nós resolvemos fazer investimentos. Nós resolvemos, por exemplo, aumentar o dinheiro do PAC, nós resolvemos desonerar vários



produtos para que a gente pudesse vender mais material de construção civil, carro, geladeira, máquina de lavar roupas. Nós tivemos a atitude de comprar carteira de bancos pequenos que estavam falidos, tivemos a coragem de tomar a decisão de comprar a Nossa Caixa em São Paulo, de comprar 50% do banco Votorantim, de comprar... porque o Brasil... o mundo estava sem crédito, e o Brasil tinha que ter as condições de manter a sua economia funcionando. E foi no auge da crise que nós criamos o programa Minha Casa, Minha Vida, nós tomamos a decisão de lançar um programa ousado e, neste ano nós vamos contratar... um milhão de casas estarão contratadas neste ano. É importante lembrar que começou em março do ano passado. Eu lembro que quando veio a crise econômica, a Petrobras me procurou apavorada porque a Petrobras estava sem crédito, ou seja, a Petrobras não conseguia crédito nos principais bancos americanos que quebraram.

Jornalista: Quebraram.

Presidente: Então, a Petrobras começou a vir na Caixa Econômica Federal buscar dinheiro, disputando com as pequenas empresas brasileiras. E eu disse, não, nós vamos ter que criar condições de o BNDES ter linhas especiais, o Tesouro vai ter que colocar dinheiro para a gente poder financiar o grande programa da Petrobras. Afinal de contas, a Petrobras tem que fazer US\$ 224 bilhões de investimento até 2014. Ou seja, são muitas sondas, muitas plataformas, muitos navios, e se não fizer assim, a gente não estará colhendo em 2017 o pré-sal, que nós queremos colher. Então, eu acho que este Brasil de 1º de janeiro de 2011 estará um Brasil muito mais sólido. Obviamente que...

Jornalista: Mas ainda com desafios.

Presidente: ... obviamente que com muitos problemas.



Jornalista: Quais são os desafios?

Presidente: Veja, nós temos muitos problemas porque nós temos um século de atraso, na questão da educação. Por isso é que no pré-sal a minha primeira proposta foi criar um Fundo para que a gente invista na educação, para que a gente aproveite o pré-sal e a gente recupere o atraso do Brasil na área educacional e, sobretudo, na área de investimento em pesquisa e tecnologia. Ou seja, ciência e tecnologia, para nós, é condição *sine qua non* para o Brasil dar o salto de qualidade que nós precisamos. Então, embora ainda tenha muita coisa para fazer, eu acho que o Brasil mudou de cara. Você tem uma classe C, que hoje representa mais de 30 e poucos milhões de brasileiros. Essa classe pobre, no fundo, no fundo, é que foi ao comércio comprar, quando as classes A e B ficaram com medo. Eu não esqueço nunca do pronunciamento que eu fiz, em rede nacional de televisão, no dia 22 ou 23 de dezembro de 2008, para fazer uma convocação ao povo brasileiro, para consumir. Eu, que passei 20 anos da minha vida lutando contra a sociedade do consumo, eu fui ao povo pedir o seguinte: se você não comprar, a empresa não vai produzir, você vai perder o seu emprego; aí, você não comprou, você não vai poder pagar, e não vai trabalhar. Então, a palavra de ordem é a seguinte: é comprar, para a empresa vender, gerar o seu emprego e você comprar, e comprar de forma comedida, se endividar de forma, apenas, que não comprometa o teu orçamento,...

Jornalista: O orçamento...

Jornalista... mas vamos fazer a roda-gigante da economia girar.

Jornalista: Girar.



Presidente: Isso foi, na minha opinião, parte do bom milagre que aconteceu no auge da crise.

Jornalista: Presidente...

Presidente: O que falta fazer, e falta fazer muito... Mas tudo será mais fácil daqui para frente, tudo será mais fácil. Por quê? Porque nós andamos muito. Eu vou dar um exemplo para vocês, porque nós falamos muito de macroeconomia, não é? Quando a gente discute, quando o Guido Mantega vai a Nova Iorque, ou quando o Guido Mantega... o Meirelles vai a Basiléia, ou quando... Todos nós falamos da macroeconomia, da macroeconomia, mas no Brasil nós criamos uma coisa que caminha paralela à macroeconomia, chamada microeconomia, que é o que toca uma parte das coisas no Brasil, que muitas vezes, não aparecem nos meios de comunicação. Por exemplo, quando nós chegamos ao governo, nós tínhamos R\$ 380 bilhões de crédito para o Brasil inteiro – isso em 2003 – R\$ 380 bilhões de crédito. Hoje nós temos R\$ 1,5 trilhão de crédito. Nós criamos o crédito consignado que ninguém acreditava. Eu nunca tinha visto um economista falar em crédito consignado. Nós criamos o crédito consignado dando como garantia para o banco a folha de pagamento do trabalhador. Hoje nós temos R\$ 120 bilhões circulando no mercado, por conta do crédito consignado. Nós conseguimos fazer com que a agricultura familiar saísse de 2,4 bilhões para R\$ 16 bilhões de financiamento. Nós resolvemos comprar alimento do pequeno produtor, nós resolvemos fazer com que 30% da merenda escolar que é servida a 34 milhões de crianças todos os dias sejam comprados, pelo menos 30%, do produtor local da cidade para gerar a economia local. Nós investimos R\$ 14 bilhões do governo para levar energia para quase 12 milhões de pessoas que não tinham energia. Quando chega energia na casa da pessoa, chega geladeira, chega televisão,



chega o liquidificador, chega casa de farinha, chega o moinho...

Jornalista: E chega comida para pôr na geladeira.

Presidente: Ah, eu sou do tempo, não sou tão velho, eu tenho 64 anos, mas eu morava na Vila Carioca, Franklin, a gente comprava cerveja no supermercado porque a cerveja quente era mais barata do que a gente comprar ela gelada. A gente comprava ela quente no supermercado, colocava dentro de um balde, descia dentro de um poço que tinha na minha casa; ela ficava lá uns 40 minutos, uma hora, e aí a gente tirava a cerveja para beber... que era a nossa geladeira. Você imagine, hoje, uma pessoa que está na Amazônia, recebeu uma luz elétrica, coloca uma geladeira e [vai] tomar uma água geladinha, uma cerveja geladinha... É uma pessoa sair do século XVIII, do século XIX, apertando um botão. Então, tem essa quantidade de milagres que aconteceram na chamada micropolítica das coisas que nós fazemos no país, que dá sustentação à macroeconomia. Eu passei três anos brigando com a indústria automobilística. Eu falava: Não é justo, não é justo que vocês não compreendam que o povo brasileiro, por cultura... Nós não estamos preocupados com o preço final do produto, se ele custa 80, à vista. Nós estamos preocupados é se é possível ter uma quantidade de prestações que caibam dentro do meu salário. Porque se couberem dentro do meu salário, eu vou pagar; se não couberem, ele pode ser barato, mas eu não vou comprar. Daí, quando nós fizemos a desoneração, os empresários elevaram o número de prestações de 36 para 90, para 70, para 80, e aí as pessoas compram...

Jornalista: Aí, cabe no bolso, não é?

Presidente: Aí, cabe no bolso. Então, eu acho que nós tiramos lição da crise econômica. Então, quem chegar aqui, depois de mim, vai pegar um país com



mais tranquilidade. Agora, vai pegar um país mais exigente, porque o povo aprendeu a reivindicar. Ontem, eu fiz uma reunião, ontem, eu fiz uma reunião... Vocês sabem que neste país presidente da República, nem ministro da Educação, nunca se reuniram com os reitores, nunca. De medo, porque eles imaginavam que os reitores vinham aqui para reivindicar, para pedir a autonomia das universidades. Eu, faz oito anos que presido o Brasil, e todo ano eu me reúno com todos os reitores do Brasil. Ontem, eu fiz a última reunião do ano para dar a autonomia universitária, que era o último compromisso que eu tinha com eles. Dei a autonomia universitária. Quando eu pensei que não ia ter mais reivindicação para apresentar, eles me apresentaram uma nova pauta de reivindicações. Essa, essa, para mim, é a coisa extraordinária da democracia e da conquista da sociedade: ela está sempre querendo mais, sempre querendo mais, sempre querendo mais. E vocês percebem isso no jornal de vocês. Vocês dão aumento de salário, vocês acham que o cara que pegou o aumento está feliz? Ele está feliz no primeiro mês, no segundo mês; no terceiro mês, ele já acha que aquilo já acabou, ele quer mais.

Jornalista: Quer mais, quer mais.

Presidente: Eu acho isso extraordinário. Então, eu acho que quem vier depois de mim vai pegar uma sociedade mais exigente, uma sociedade mais consciente, com a autoestima mais elevada e cobrando mais do governo, e eu acho isso extraordinário.

Jornalista: Presidente, olhando para trás, nesses oito anos, o que o senhor teria feito de forma diferente?

Jornalista: O que o senhor não... não era bem assim, que não ficou tão bom...



Jornalista: Que não era desse jeito...

Jornalista: Não era desse jeito...

Presidente: Olha, certamente, quando eu deixar o governo e estiver fazendo as minhas reflexões, na solidão de ex-[presidente]... porque Felipe González conta uma história que eu acho fantástica...

_____ : (incompreensível)

Presidente: ... ele acha, ele acha que presidente... quando você é presidente, você é que nem vaso chinês: você coloca sempre no lugar mais bonito, para todo mundo ver. Quando você vira ex-presidente, você não sabe o que fazer com um vaso chinês. Ninguém sabe o que fazer com um ex-presidente, ninguém sabe. Ele pode virar um incômodo, ele pode virar um chato, ele pode virar um cara que lamenta a vida, ele pode ficar magoado, rançoso, pode ficar... Eu, eu trabalho, eu trabalho com a minha cabeça que eu quero ser o melhor ex-presidente do mundo. Eu não quero dar palpite em quem estiver governando, eu acho que é responsabilidade de quem governar pelos seus erros e pelos seus acertos. E aí, quando eu estiver na minha reflexão, certamente eu vou descobrir muita coisa que eu deveria ter feito e não fiz. Muita coisa. Por exemplo, eu não consegui fazer a reforma tributária, e mandei dois projetos para o Congresso Nacional. Eu mandei... tem um inimigo oculto da reforma tributária dentro do Congresso Nacional, porque a primeira reforma tributária que eu mandei, eu mandei junto com 27 governadores de estado, foi no mês de abril de 2003. Eu fui ao Congresso Nacional entregar, junto com os 27 governadores. A última, que o ministro Guido Mantega foi entregar, tinha a concordância dos empresários, a concordância das lideranças políticas, a concordância do movimento sindical, a concordância dos empresários. Eu



pensei que ia chegar lá e que ia ser votada em três meses. Até hoje não foi votada, porque deve ter um milhão de modelos de política tributária na cabeça de cada pessoa. Então, eu tenho essa frustração de não ter votado a política tributária, e também de não ter conseguido votar a reforma política. Eu sei que não era uma coisa do Poder Executivo, mas eu tenho um compromisso com a minha consciência. A partir de 1º de janeiro eu não serei mais presidente da República, serei um militante do meu partido, e eu vou trabalhar muito neste país, junto aos partidos, para que a gente possa fazer uma reforma política necessária para fortalecer os partidos políticos, para acabar com a corrupção eleitoral, para evitar caixa-dois, para evitar, sabe...? Que as coisas sejam transparentes, que o Estado... que o financiamento da campanha seja público, transparente, que se decida quanto vale cada voto: é um real, são dois reais, são três reais, e cada partido vai receber proporcionalmente ao que teve e vai ter controle para fiscalizar isso. Então, eu tenho essa frustração de não ter conseguido, apesar de ter mandado também duas propostas para o Congresso Nacional, que não foram apreciadas, que não foram votadas. Então, essas são duas frustrações que eu tenho. Eu posso ter muitas outras e que eu vou... com o tempo é que a gente vai descobrindo as frustrações, das coisas que a gente não fez.

Jornalista: O senhor disse que não vai palpar no governo. Mas, e na formação do governo, no caso de uma vitória da ministra Dilma, que ministros o senhor acha que não podem sair de jeito nenhum? O senhor citou... o único que o senhor citou, até agora, foi o Guido Mantega, e falou no Meirelles também.

Presidente: Não, deixa eu dizer uma coisa: eu não posso, eu não posso, primeiro, escolher ministério para a Dilma. Segundo, discutir ministério antes das eleições seria sentar na cadeira antes de ganhar as eleições. E nós temos



essa experiência em São Paulo, em 1985 - que não foi a melhor possível - quando o Fernando Henrique Cardoso sentou na cadeira do Jânio,...

Jornalista: Do Prefeito, é verdade.

Presidente: ... do Prefeito. Então, eu não quero repetir isso.

Presidente: Veja, a Dilma conhece, a Dilma conhece muita gente de dentro do governo, de dentro dos partidos políticos e, certamente, ela vai saber montar um extraordinário governo. Aí, sim, eu posso contribuir com ela, que é mostrar para ela as deficiências que eu acho que aconteceram no governo, para que ela possa não permitir que isso se repita no governo. Mas ela terá total liberdade de montar, junto com os partidos aliados, o seu governo.

Jornalista: Presidente, um ponto que tem presente aí na imprensa, com relação ao governo, é a questão da política externa, o alinhamento a países como Cuba, Irã. Enfim, alguma coisa que atentaria contra a tradição democrática, a tradição da diplomacia brasileira, de defesa dos direitos humanos. Como é que o senhor se coloca diante disso?

Presidente: Eu acho que, de vez em quando a gente fica meio decepcionado porque a gente pensa que as pessoas evoluíram, e as pessoas não evoluíram. As pessoas não se dão conta de que acabou a Guerra Fria; as pessoas não se dão conta de que acabou a bipolaridade; as pessoas não se dão conta de que caiu o Muro de Berlim, mas surgiu o muro de Israel; que caiu o Muro de Berlim, mas está surgindo um muro americano na divisa com o México. Então, as pessoas (incompreensível) a tratar a política ainda como se a gente estivesse na Guerra Fria, no pós-guerra. Não, o mundo mudou e mudou muito. Então, a primeira coisa que o Brasil fez foi diversificar as suas relações políticas. Eu posso dar a data para vocês, no dia 25 de janeiro de 2003 eu estava em



Davos, junto com o ministro Celso Amorim, quando eu disse ao Celso: Celso, nós vamos ter que mudar a política brasileira, e a política comercial. Nós não podemos continuar com a mesmice do século XX, dependendo apenas da relação com os Estados Unidos, ou dependendo apenas da relação com a Europa. Nós precisamos diversificar, novos parceiros. Por exemplo, nós temos parceiros originários, parceiros que são os nossos principais, que estão encostados conosco, são quase 16 mil quilômetros de fronteira seca. Só não temos fronteira com o Chile e com o Equador.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Nós não podemos virar as costas para esses países e ficar olhando para a Europa, sem enxergar a África; ficar olhando para os Estados Unidos, sem enxergar o Oriente Médio, ou sem enxergar a América Central. Vamos estabelecer uma outra política. E aí, eu tenho orgulho de que eu fui o primeiro presidente a visitar quase todos os países árabes; o primeiro presidente, depois de dom Pedro, a visitar vários países, como o Líbano. Eu já visitei... é a oitava viagem minha à África. Nós saímos de 5 bilhões de balança comercial para 26 bilhões de balança comercial...

Jornalista: Com a África?

Presidente: ... com a África. Isso porque o Brasil ainda tem uma política tacanha. O Brasil pode ser mais ousado com a África e, não o sendo, a China será, e não o sendo, a China será. E o Brasil tem facilidade, o Brasil tem mais carinho, tem mais apego, tem mais semelhança, tem... falamos a mesma língua em muitos países africanos. Portanto, o Brasil tem que aproveitar esse potencial extraordinário de um continente que tem 800 milhões, e que estão aprendendo a viver na democracia, e que tem países crescendo a 7%, a 19%,



a 8%. Ou seja, em vez de ficarmos preocupados com aquele que ainda está em guerra, vamos nos preocupar em consolidar aqueles que já estão construindo a democracia. Depois eu visitei... acho que eu sou o único presidente brasileiro que visitou todos os países da América Central, todos, sem distinção.

Jornalista: Em Granada, o senhor esteve em Granada?

Presidente: Eu já tinha ido...

Ministro Franklin Martins: (incompreensível)

Presidente: Aí é Caribe. Eu já tinha ido a Granada, eu já... mas eu já tinha ido a Granada...

Jornalista: Aí já era pegadinha, não caiu. Não caiu na pegadinha.

Presidente: ... em [19]80. Eu já tinha ido a Granada em [19]80. Mas nós fomos a muitos países. Por quê? Porque nós temos similaridades com muitos deles, nós temos produtos para vender para eles, nós temos parcerias a serem construídas. E essas pessoas também precisam ter opções, senão eles não teriam opções. A opção deles é apenas os Estados Unidos da América do Norte. Eles não têm opção, e o Brasil pode ser uma opção para muitas coisas, para muitas parcerias.

Jornalista: Tem pessoas que vão vir depois aí, a partir de janeiro. O senhor... cuidariam um pouco desse estreitamento de relações com a África...

Presidente: Então, então deixa eu lhe contar...



Jornalista: ... na... (incompreensível) um pouco a isso. Isso está nos planos?

Presidente: Está, está. Deixa eu terminar de lhe contar apenas isso. Então, quem é que disse que o Oriente Médio é um problema para os americanos cuidarem? Onde é que está escrito? Está na Bíblia? Está na Declaração Universal dos Direitos Humanos? Tem algum documento da ONU que diz que são os americanos que têm que cuidar do Oriente Médio? Não. É preciso construir um grupo de países que tenham a confiança de todos os que estão envolvidos na guerra, porque o problema não é o presidente Abbas e o Primeiro-Ministro de Israel, esses são duas personalidades. Mas quem vai cuidar do Hamas? Quem vai cuidar do Rezbollah? Quem vai conversar com a Síria? Quem vai conversar com o Ahmadinejad? Quem vai conversar com o Emir do Catar que, de um lado, é parceiro americano – tem até base americana lá – e, de outro lado, é aliado do Hamas? Quem é que vai colocar toda essa gente à mesa para tentar, a partir daí, encontrar a solução? Não é uma relação de um clube de amigos, em que o Presidente americano se reúne com o Primeiro-Ministro de Israel, e se reúne com o Primeiro-Ministro da Autoridade Palestina, e está resolvido o problema. Não está, porque para ser resolvido o problema é preciso saber se o Hamas concorda com um acordo de paz.

Jornalista: Um acordo, perfeito.

Presidente: E se não for construído, primeiro, dentro de Israel um acordo, e dentro da Palestina um acordo, ou seja, Israel tem que estar unido em torno de uma proposta, a Palestina tem que estar unida em torno de uma proposta. E para unir essas propostas é preciso que a gente ouça quem tem influência política dentro da Palestina. Aí, entram os atores tipo, tipo... ah, meu Deus... acabei de falar falar, o presidente Assad...



Ministro Franklin Martins: Bashar Al-Assad, da Síria .

Presidente: ... da Síria. Entra o Presidente do Irã, entra o Catar. Então, qual é a proposta do Brasil? É que é preciso envolver mais gente... Nós fizemos uma reunião em Annapolis, nos Estados Unidos, imaginando que ia ter a segunda. A segunda, já faz três anos que está marcada e não aconteceu. Então, de vez em quando, na minha cabeça, bate a seguinte dúvida: será que essas pessoas querem paz, ou interessa a muita gente que esse conflito perdure por muito tempo?

Jornalista: Nesse sentido, o presidente Obama tem sido uma decepção, não é, Presidente?

Presidente: Olha, antes de...

Jornalista: ... porque reproduz um pouco aquela política que o senhor (incompreensível) não é?

Presidente: Antes de falar do Obama, deixa eu contar uma história para vocês. Essa questão do Irã, essa questão do Irã... Eu, uma vez, em Pittsburgo, eu, depois de conversar por duas horas com Ahmadinejad, de cobrar dele a questão do Holocausto, de cobrar dele a questão da destruição de Israel, eu saí com a convicção de que era possível construir uma mesa de negociação. Aí, entrei em Pittsburgo, na reunião do G-20, e perguntei para o Obama: Você já conversou com Ahmadinejad? “Não”. Perguntei para o Sarkozy: Você já conversou com o Ahmadinejad? “Não”. Perguntei para Angela Merkel: Você já conversou com o Ahmadinejad? “Não”. Só quem tinha conversado com o Ahmadinejad era o Medvedev. Ora, meu Deus do céu! Ora, como é que você



pode resolver um conflito político,...

Jornalista: Dos 20, só dois conversaram, o senhor e ele.

Presidente: ...se você não conversa com a pessoa? Se você tenta terceirizar, para outras pessoas conversarem, as conversas que dois políticos têm que conversar? Nós fomos eleitos para isso, nós fomos eleitos para isso, ou seja, é conversar. O Obama é o presidente do país mais importante do mundo. Ele pode pegar o telefone e ligar: “Ahmadinejad, eu precisava me encontrar com você. Você está vindo à ONU no dia 23?” Está. “Então, eu queria uma reunião com você, na ONU”. O Sarkozy poderia fazer o mesmo. Quer dizer, então, as pessoas não conversam.

Eu, eu me convenci de que era possível levar Ahmadinejad para a reunião de Viena. Os companheiros da Turquia, que têm muito boa relação com ele, também acreditavam. Ou seja, nós construímos uma reunião que eles diziam que era impossível de acontecer. Nós construímos. Na semana em que tinha que mandar a carta, o Ahmadinejad mandou a carta, mandou a carta que precisava. Eles nem leram a carta, nem leram a carta e fizeram as mesmas sanções, como se nada tivesse acontecido. Eu não sei se foi ciúme, não sei se as pessoas ficaram magoadas porque “o que esse Brasil tem que se meter numa coisa que é nossa? Esse Brasil que cuide lá do seu território”. Mas o que nós fizemos foi exatamente o que foi divulgado pela agência Reuters, na carta que o Obama mandou para mim. O que nós fizemos foi [o que estava em] uma carta que o Obama mandou para mim e mandou para a Turquia. E, de repente... não aceitaram. Agora nós estamos estudando as sanções, porque tem dois tipos de sanções: tem as sanções do Conselho de Segurança da ONU e tem as sanções bilaterais... unilaterais, a sanção dos Estados Unidos. Então, nós precisamos ficar atentos, porque possivelmente essas sanções unilaterais são para empresa brasileira, mas não é para empresa russa. Pode ser para



empresa...pode ser para empresa da Argentina e não para empresa da China. Então, nós queremos conhecer o conjunto das sanções para saber se há dois pesos e duas medidas. Porque esse assunto não pode ser tão mal discutido e termina assim.

Aí entra a questão de Cuba, ou seja, eu ...

Jornalista: O senhor foi criticado pelos presos que chegaram à Espanha.

Ministro Franklin Martins: Aliás, eles criticaram até o governo da Espanha.

Presidente: Deixa eu te contar uma coisa, deixa eu te contar uma coisa: primeiro, primeiro as pessoas que estão presas, as pessoas...eu já fui preso. As pessoas que estão presas não podem querer que os que estão fora tenham o mesmo sentimento que eles têm com o problema deles. Eu, quando estava preso, tem muita gente que não concordava pelas (com) as razões que eu estava preso e eu não posso ficar chorando: ai, eu estou preso, todo mundo tem que me defender agora.

Jornalista: Todo mundo tem que estar aqui comigo...

Presidente: Não foi assim. Obviamente que eu gostaria que não tivesse preso político em lugar nenhum do mundo, eu gostaria que todo mundo tivesse o mais alto grau de liberdade, que as pessoas pudessem falar como no Brasil. Quem é que pode se queixar que no Brasil não tem liberdade democrática? Quem é que pode? Vocês conhecem o mundo, vocês... Eu duvido que tenha lugar do mundo que a imprensa é mais livre do que no Brasil, duvido. Entretanto, nós fizemos uma conferência de comunicação, e grande parte da imprensa não compareceu porque achou que era uma coisa autoritária que o governo queria se meter. Quando um dirigente faz crítica a um jornal, é



censura, não é crítica. É como se fosse o cidadão da imprensa o único que não pudesse receber nenhuma crítica no mundo porque são perfeitos.

Tem até uma coisa engraçada. Nesses dias, um cidadão de uma instituição estrangeira aí...

Ministro Franklin Martins: SIP.

Presidente:...me fez uma crítica, ele tinha acabado de mandar uma carta para mim, para me homenagear, em novembro do ano passado...

Ministro Franklin Martins: Do ano passado não, deste ano.

Presidente: Deste ano. Ou seja, como o “democrata das Américas”. Ele deve ter esquecido que mandou a carta.

Jornalista: É igual à carta de Obama?

Presidente: Então, essas coisas, olha, essas coisas, eu acho que o Brasil está tranquilo com relação à democracia. Já está provado, por atos e coisas, que este Estado é altamente democrático, e isso é um bem para o Brasil. Eu acho que esse é outro legado importante. Veja, eu fiz 70 conferências nacionais, eu fiz 70 conferências nacionais. Eu fiz conferência de segurança pública, eu fiz conferência de imprensa, eu fiz conferência de portadores de deficiência, eu fiz conferência de catadores de papel, eu fiz conferência de moradores de rua, eu fiz conferência de criança e adolescente, eu fiz conferência de aposentado, eu fiz conferência de índio, eu fiz conferência de negro, eu fiz conferência de mulher, eu fiz conferência do GLTB. Não tem um segmento da sociedade que eu não fiz conferência, para que a gente...



Jornalista: Todo mundo pôde expressar seu ponto de vista.

Presidente: Expressar o ponto de vista e dar subsídio para a construção das políticas públicas do nosso governo. Aqui, aqui, todo ano vocês acompanham, aí, tem passeata das Margaridas, passeata da Contag, passeata dos Sem Terra, passeata da Fetraf, passeata da CUT, passeata... Todos eles, depois das passeatas, vêm aqui e me entregam uma pauta de reivindicações. Essa pauta de reivindicações é distribuída para 20 ministros, para 30 ministros. Trinta dias depois, eu chamo eles aqui: o que é possível aceitar, o que não é possível aceitar. E, assim, nós vamos consolidando um outro jeito de fazer política. Então, eu falo, eu falo... É até engraçado eu dizer isso, não é? Eu já me reuni com os sindicalistas dos outros países mais do que os presidentes dos outros países. Eu acho que não tem presidente que tenha se reunido com a quantidade de sindicalistas... Quando eu vou ao G-20, quem os sindicalistas procuram para fazer as suas reivindicações? Procuram o Presidente do Brasil para entregar a sua pauta de reivindicação. Eles querem que a OIT participe, quem eles procuram? O Presidente do Brasil. Por quê? Por causa da minha origem e da minha relação. E isso, eu acho que termina sendo um benefício, na construção de um tipo novo da relação entre o sindicato e o Estado, entre o sindicato e a sociedade.

Jornalista: Presidente, o senhor falou que a democracia está tranquila no Brasil mas, recentemente, nós vivemos praticamente uma guerra federativa em relação a essa questão do pré-sal, que o senhor já citou também, *royalties* e tudo o mais. E pode até mesmo que o senhor tenha que dar a sua decisão sobre esse assunto, não é? O Rio de Janeiro e o Espírito Santo vêm reclamando muito das perdas que podem vir a sofrer, que são, realmente, em uma escala enorme, o que pode prejudicar tanto os próprios estados como os municípios. Como é que o senhor vê essa questão?



Presidente: Primeiro, isso só pode acontecer por causa da democracia. Aqui nesta mesa, um dia, duas horas da manhã, com a participação do ministro Lobão, com a participação da ministra Dilma, com a participação do governador Sérgio Cabral, com a participação do governador Paulo Hartung, com a participação do governador de São Paulo, com a participação de outras pessoas, nós fizemos um acordo, nós fizemos um acordo.

Ministro Franklin Martins: Estava o Eduardo Campos também, não estava?

Presidente: Estava. Fizemos... nós fizemos um acordo. E esse acordo foi enviado ao Congresso Nacional, acordado com todos os líderes. Eu previa que, por ser um ano eleitoral, a gente não devesse discutir a questão dos *royalties* na votação do pré-sal; que deveria ser escolhido um momento depois das eleições, todo mundo com a cabeça fria, sem ninguém ficar prometendo facilidade para ninguém. Nós entendíamos que os estados produtores tinham direito a alguma coisa a mais. Embora reconhecêssemos que o petróleo era da União, nós entendíamos que os estados produtores deveriam ter uma coisa a mais, mas que nós também deveríamos privilegiar os outros estados, os outros municípios. Isso foi acordado. Ora, o que aconteceu? É que, quando chegou no Congresso Nacional, por interesse eminentemente das eleições, as pessoas, então, resolveram dizer: “Os estados produtores não vão ganhar nada, vão perder até o que já tinham, e vai ser tudo distribuído para todo o território nacional”. Ou seja, cada um querendo fazer proselitismo com o seu estado, sabe, cada um fazendo. Não é a maneira correta de você discutir uma coisa tão séria. Porque nós não podemos permitir que o dinheiro do petróleo do pré-sal caia no ralo do custeio deste país.

Nós queremos que esse dinheiro seja utilizado para apostar no futuro. É por isso que nós queremos priorizar a Educação, Ciência e Tecnologia,



Cultura, Saúde e Meio Ambiente. Se a gente priorizar isso, a gente pode ter um dinheiro enorme para garantir que o Brasil, nos próximos 20 ou 30 anos, se transforme em uma grande nação.

Se a gente pegar esse dinheiro e partilhar ele, dar “dez conto” para cada um e ele entrar no ralo normal de cada cidade, no fundo, no fundo nós não vamos aproveitar corretamente o pré-sal.

Então, é isso. Eu vou esperar ver o que vai acontecer na Câmara, eu não sei nem se vai votar ainda este ano, eu queria que votasse, porque tem a partilha que para nós é muito importante, o modelo de partilha, mas vamos ver. Eu estou muito tranquilo, porque depois de tanta briga, depois de tanto diz-que-diz, o que vai prevalecer é aquilo que será o melhor para o Brasil. Eu acho que sempre, sempre, sempre, depois de todas as confusões, o ponto G da questão é o equilíbrio de todo mundo de saber o seguinte: o que é melhor para mim e o que é melhor para o Brasil. Então, vamos dar uma chance a esse país.

Jornalista: Os estados produtores têm usado até mesmo a tragédia lá, com a BP, como mais um argumento para defender o seu ponto de vista.

Presidente: O que aconteceu com a BP, é preciso a gente...não foi um acidente comum. Aquilo foi o seguinte, eles quiseram fazer o mais barato, e a gente aprende desde pequeno que o barato sai caro. Eles não tomaram o cuidado que deveriam ter tomado, eles estavam com pressa de abrir logo o poço, porque eles tinham que abrir o poço e tamponar. Eles só queriam fazer a medição de ver quanto de petróleo que tinha lá e tamponar, e por isso, tentaram fazer da forma mais barata possível, não se cercaram do controle que tinham que se cercar, então, deu no que deu. Isso não vale, não vale para esse argumento dessa discussão, o que vale para o argumento é o seguinte é que o Brasil inteiro tem que tirar proveito desse petróleo, o Brasil inteiro, do Oiapoque ao Chuí, de Natal a Rio Branco, no Acre, todo mundo tem que ter um pouco de



direito. Agora, o que nós queremos é que os estados produtores tenham um pouquinho mais, é isso.

Jornalista: O senhor falou do Congresso e das eleições. O senhor acha que com a Ficha Limpa vai surgir um Congresso mais moderno, mais comprometido com o interesse público? E os Legislativos estaduais também?

Presidente: Eu, quando eu falo de reforma política, é porque eu gostaria que a gente tivesse um Congresso Nacional, independentemente de ser de direita ou de esquerda, mas que tivesse pessoas que pertencessem a partidos fortes, que você pudesse fazer negociação com partidos.

Jornalista: Que soubesse com quem estava lidando.

Presidente: ...que você soubesse com quem estava lidando. Eu faço um acordo com o Partido Comunista Português, eu faço um acordo com o Partido Cristão, na Itália, eu sei que eu acertei com o Partido Cristão, então não tem que ficar conversando com terceiros, é um acerto entre o Presidente da República e a direção daquele partido, os líderes daquele partido, sob a coalizão. E está morto o problema. Hoje, no Brasil, você tem problema, porque você faz acordo com a direção, mas a direção já não representa o conjunto do partido, porque tem os grupos de deputados, tem as corporações do outro lado. Então, eu acho que você ter uma reforma política, você fortalecer os partidos políticos é uma necessidade crucial para as coisas funcionarem melhor neste país. Eu estou convencido disso, e vou ser, vou ser um brigador, depois que eu deixar de ser Presidente, pela reforma política.

Jornalista: Presidente, tem dois pontos (incompreensível)



Presidente: Você não pode, você não pode continuar... As pessoas mudam de partido a toda hora, o Congresso não faz uma legislação terminativa. Então, deixa sempre muita brecha para o Poder Judiciário fazer as interpretações. Então, tem senador que é cassado porque era... Teve um monte de governadores que foram cassados ontem, porque dizem que foram acusados de corrupção. Agora, são todos candidatos ao Senado, ou seja, você tira o cidadão faltando um ano para terminar o mandato e dá oito anos de mandato.

Jornalista: Dá oito anos de mandato.

Presidente: Então, um monte de coisas que eu acho que nós temos que corrigir, para o bem do Brasil.

Jornalista: É verdade. Quem... Eu não queria deixar que a entrevista terminasse sem discutir aquela questão da África, como o senhor vai lidar com isso depois do final do mandato.

Presidente: Olhe, deixa...

Jornalista: Ainda nessa questão da política. E tem, também, uma questão, a questão de gastos públicos, que eu queria falar também.

Presidente: Deixa eu te contar uma coisa. Primeiro, eu acho que o Brasil tem um acúmulo de experiências de políticas públicas bem-sucedidas, que eu gostaria de contribuir, tanto com os países do continente africano quanto com os países da América Latina, de ver o que é possível adaptar, da experiência brasileira, naqueles países. Quando eu digo “adaptar” é porque você não pode levar a política pronta para ninguém, ou seja, é preciso que você respeite a cultura das pessoas, a capacidade de financiamento das pessoas e a cultura



política do país. Então, eu tenho medo de coisa pronta, ou seja, eu briguei muito tempo contra o Manifesto Comunista porque ele estava pronto, então tudo que fosse fora do Manifesto não tinha valor.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Então, eu não concordava com aquilo, e não quero repetir isso. Agora, o problema é que nós temos um acúmulo de políticas públicas muito bem feito. Eu tenho dito para os presidentes: o principal acerto das políticas públicas é o cadastro das pessoas. Se você não tiver um cadastro bem feito, você joga dinheiro fora. O nosso sucesso do programa Bolsa Família é que o governo federal não sabe quem é o beneficiário. O prefeito faz o cadastro, tem fiscalização, a Caixa Econômica paga por um cartão, sem saber a que partido o cara pertence, para que time o cara torce, que religião ele frequenta, não queremos saber disso. Então, o cadastro é o sucesso mais extraordinário para um programa de política social. Então, essa é uma coisa que eu quero discutir com os companheiros de outros países.

Segundo, é que é muito barato cuidar dos pobres, é muito, é muito barato cuidar da parte mais pobre da população. Difícil é cuidar dos ricos. Nós temos algumas experiências fantásticas. O BNB, o Banco do Nordeste, do Ceará, emprestou R\$ 1,3 bilhão para um milhão de pequenos produtores, ou seja, com R\$ 1,3 bilhão nós estamos gerando um milhão de postos de trabalho. Muitas vezes, você empresta 5 bilhões para um só, ele faz uma fábrica e gera 300 empregos, 400 empregos. Outra coisa importante que nós descobrimos: em 2002, o BNB emprestou 262 milhões e tinha 37% de inadimplência. Em 2009, ele emprestou 22 bilhões e tinha apenas 3% de inadimplência.

Jornalista: Por quê?



Presidente: Ora, sabe por quê? Quando a gente vê determinados ditados populares... isso não pode ser visto como ofensivo. Ou seja, o cidadão mais rico, o grande empresário, o fato de ele dever 10 bilhões dá status para ele, dá status dever 5 bilhões: “Consegui 5 bilhões no BNDES, peguei 10 bilhões no Citibank, não sei das quantas”. Isso dá status. Então, ele entrar numa roda da alta grã-finagem e dizer: “Olha, eu acabei de fazer um empréstimo de 10 bilhões no BNDES”, um puta de um status. O pobre, não. O pobre, ele não gosta de dever. E quando ele deve, ele só tem como patrimônio o seu nome. Se ele for para o Serasa – desculpe aqui o palavrão –, ele está fodido. Se ele tiver... Não é Serasa, é SP...

Ministro Franklin Martins: É Serasa.

Presidente: ... é SPC.

Jornalista: Não, Serasa, Serasa.

Ministro Franklin Martins: Não, também. Antigo...

Presidente: Se ele...

Jornalista: O Serasa é mais moderno.

Presidente: Se ele for, eu até estava...

Jornalista: O medo atual, é mais o Serasa do que o SPC.

Presidente: Eu até estava ouvindo uma música, esses dias, eu acho que era do... oh, meu Deus do Céu!



Jornalista: É do Zeca, não é? (incompreensível) do SPC.

Presidente: Será que é do Zeca Pagodinho? É, do Zeca Pagodinho, falando: “vou denunciar no SPC”. Porque o povo pobre tem medo disso. Então, o povo pobre gosta de pagar. Sabe? Gosta, adora pagar, porque o nome dele é a única coisa que vale para ele. Ele não quer sair da casa dele e dar a volta por detrás da padaria em que ele toma a cachaça dele porque está devendo o pãozinho. Ele quer entrar lá, cumprimentar o cara e saber que não deve nada, porra.

Então, por isso que eu falo, é tão bom a gente emprestar... fazer política para as pessoas mais pobres. E eu acho que o acúmulo do Brasil... Se vocês pudessem uma hora, não precisava eu estar junto não, mas acertar com a equipe do Franklin, vocês poderem conhecer a experiência do Territórios da Cidadania, a experiência do CRAS, a experiência da quantidade de coisas... Por isso é que quando a Globo fala mal da gente não repercute nas pesquisas. Porque o povo está vendo, lá embaixo, o que está acontecendo, está chegando na mão dele. Não é “eu ouvi dizer”, não é “aquilo é mentira”, está chegando na mão dele.

Jornalista: Ninguém contou, né? Ninguém precisa contar para ele.

Presidente: É, está chegando. Então, eu acho que...

Jornalista: Essas políticas são replicáveis, Presidente, em outros países?

Presidente: São, eu penso que são em todos os países. Eu acho que quanto mais pobre, mais fácil de aplicar. Logicamente que tem que conversar muito com a pessoa, tem que preparar gente. Porque você tem que ter gente



preparada para executar isso. Gente preparada para enfrentar os malandros, gente preparada...

Jornalista: Isso também existe, não é, Presidente?

Presidente: Porque isso você tem que tirar um pouquinho do orçamento. Quanto custa o Bolsa Família para o nosso governo? Doze bilhões de...

Ministro Franklin Martins: Um por cento dos juros.

Presidente: Doze bilhões de reais.

Ministro Franklin Martins: Taxa de juros, se você tirar um por cento, é isso.

Presidente: Quanto nós gastamos com o programa Luz para Todos? O programa Luz para todos, nós colocamos 1,1 milhão metros de fio. Isso dá 28 voltas no planeta Terra. Nós colocamos 6 milhões de postes. E nós colocamos 700... ou melhor, 860 mil transformadores. Quatorze bilhões nós fizemos em investimento. Então, o milagre é que... Eu não aceito que chegue aqui um ministro falando o seguinte: "Presidente, estamos gastando muito com o Luz para Todos". Estamos gastando porra nenhuma, nós estamos investindo, nós estamos investindo, nós estamos transformando esse cidadão em um cidadão brasileiro, e agora ele vai virar consumidor, porque antes ele era um pária, plantava a sua macaxeirinha ou a sua pupunha, o seu açaí lá, no fim do mundo, e não tinha nem para quem vender. Agora ele vai ter uma luzinha elétrica lá, vai poder ver televisão...

Jornalista: Estocar produção.



Presidente: Vai estocar produção. Então, essas coisas eu gostaria que vocês vissem, gostaria... eu não preciso nem saber que vocês estão viajando. Era acertar com alguém e falar: “queríamos ver o que está acontecendo de bom neste mundo, para compreender o que está acontecendo”, porque, muitas vezes, as pessoas não compreendem. Mas aí, quando você pega o BNB, você produz gastos. Então, diz aqui que os gastos públicos brasileiros cresceram...

Jornalista: Cresceram...

Presidente: Porque as pessoas colocam até... Sempre se discutiu o gasto líquido, agora inventaram a história do gasto bruto, porque nós pegamos 100 bilhões do tesouro e colocamos no BNDES. Ora, nós queremos que o BNDES seja dez vezes maior do que o Banco Mundial, nós estamos criando o Exim Bank...nós queremos um BNDES internacional para emprestar dinheiro para empresas brasileiras no exterior. Nós não queremos ter um banquinho merreca. Então quando nós colocamos 100 bilhões é porque a gente tinha para colocar, e fazer o BNDES deixar de emprestar 39 bilhões, como emprestou em 2006, para emprestar 139 bilhões, em 2009, e chegar a 200 bilhões, se Deus quiser, logo, logo. É para isso que a gente quer o BNDES. Aí vem um adversário nosso e diz: “Ah, está privatizando o dinheiro, privatizando dinheiro público porque estou emprestando para empresa privada”. O que ele quer, que eu empreste para mim? Ou seja, o que ele quer? Que eu não empreste para a Petrobras? A Petrobras que tem uma riqueza incomensurável a ser explorada, ele não quer que eu empreste para a Petrobras. Aí é demais, não é, pô?

Então, veja, tem duas coisas que eu queria que vocês soubessem que eu levo muito a sério, muito a sério: primeiro, as contas públicas. Eu sou casado há 36 anos e eu nunca fiz uma dívida na minha vida que eu não pudesse pagar. Eu, muitas vezes, eu fui acho que um dos últimos brasileiros modernos a ter uma televisão em cores, porque eu só comprei quando eu pude



comprar e pagar. Eu só pude ter o meu carro quando eu tinha consciência de que eu não ia me apertar para pagar. E isso, assim, eu faço com o Brasil, Ricardo. Eu digo sempre para os meus amigos: eu não quero governar o Brasil, eu quero cuidar do Brasil. Cuidar, cuidar como eu cuido da minha família, cuidar como eu cuido do meu filho, não deixar a coisa desandar. Se, de vez em quando, você precisar apertar em um lugar, você aperta; mas se for preciso você desapertar em outro, você desaperta.

O Guido Mantega tem feito um trabalho extraordinário, o Meirelles tem feito um trabalho extraordinário. Eu tenho dito para eles: Não tem mágica na economia, e não tem política na economia. Não adianta, porque tem eleição: “Ah, não vai aumentar juros porque tem eleição, ou não vai fazer tal coisa porque tem eleição”. A eleição, para mim, é uma coisa muito passageira. Este país é eterno. E eu sei o que custa um país arrumado, porque eu estava dentro de uma fábrica quando este país estava desarrumado e eu tinha a inflação a 80% ao mês. Então, eu sei o que isso pesava no meu salário. Eu sei quantas vezes eu tinha que ir com a Marisa no Makro, lá em São Bernardo do Campo, encher a minha casa de latas de óleo, comprar produto que não era perecível, para poder...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ... vencer a inflação. Eu não quero mais isso. Eu quero que as pessoas possam ter inflação de 3%, de 4%. Tem... Até 5% a inflação é suportável no salário do trabalhador. Então, não há nada, posso dizer para vocês, não há nada, não há nada, não há nada, nem outro *subprime*...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ... nem outra crise da Alemanha vai fazer com que o Brasil abra



mão da seriedade com que nós trabalhamos agora. Tem gente que sempre fala: “A carga tributária aumenta, a carga tributária aumenta, a carga tributária aumenta”. A carga tributária, a gente poderia dizer, ela é de 34,5%, agora, nós temos que vê-la comparada a quê? Poder-se-ia pegar os 20 países mais ricos do mundo e pegar os 20 mais pobres, para a gente medir essa coisa de carga tributária. Todos os países mais pobres do mundo têm carga tributária de 12%, de 11%, de 13%, ou seja, não existe Estado. Todos os países mais fortes do mundo têm uma carga tributária forte, têm um estado de bem-estar social forte, têm política social. É assim na Alemanha, é assim na França, é assim na Inglaterra, é assim na Itália, é assim na Suécia, é assim na Holanda, é assim em vários lugares.

Jornalista: Mas, ainda assim, o senhor mandou a reforma tributária, para tornar mais justa a...

Presidente: É lógico, porque nós queríamos diminuir a quantidade de alíquotas, fazer... facilitar muito. Veja, eu trabalho sempre com a ideia... eu trabalho... Quando eu era presidente do Sindicato, eu dizia para os companheiros: “Olhem, a gente tem 100 mil trabalhadores na categoria e tem 40 mil sócios. Estamos pagando R\$ 20,00. Se a gente chegar a 80 mil sócios, a gente pode baixar a mensalidade”. Quanto melhor a gente tiver a política tributária, e quanto mais gente pagar, mais a gente pode ir exonerando.

Eu, por exemplo, sou amante fervoroso de desonerar o setor produtivo, ou seja, investimento, sobretudo. Você quer investir em uma fábrica para construir esse celular, você não deve pagar nada enquanto estiver construindo essa fábrica. Mas nós vamos chegar lá. Nós vamos chegar lá, porque nós já aprendemos.

Jornalista: A Europa está em crise, não é? Portugal e Espanha estão em crise.



Como é que... O senhor já estudou essa situação? E o que pode ser dito desse momento que eles estão atravessando, com olho no futuro? O Brasil pode se tornar um grande parceiro na solução desse problema?

Presidente: Olha, o problema... Veja, o Brasil, é engraçado, o Brasil foi o primeiro país a colocar os US\$ 14 bilhões no FMI, nenhum dos grandes colocou. Colocou o Brasil e colocou a China... Na verdade, os Brics colocaram.

A Europa não aceita que o FMI dê palpite na sua crise. Eles aceitavam que dessem palpite na nossa, mas na deles o FMI não pode dar palpite. A Europa, agora, tomou uma atitude que eu achei séria, e que estava precisando tomar: é de garantir que haja uma aferição nos bancos europeus, para saber a quantidade de títulos podres, se tem, se não tem, que foi uma coisa importante.

Na minha modesta opinião, eu acho que como tudo depende da Alemanha, ou seja, a Alemanha, por ser a economia mais forte, embora você tenha a União Europeia, depende muito do que a Alemanha falar, ou seja, eu acho que eles demoraram muito para tomar a decisão de ajudar a Grécia. A Grécia é um país pequeno, uma crise na Grécia não poderia causar o impacto que causou na Europa. De qualquer forma...

Jornalista: O senhor está assumindo a Presidência do Mercosul, não é, Presidente?

Presidente: Estou assumindo agora, e vou tentar consolidar o acordo Mercosul-União Europeia, vou trabalhar.

Jornalista: O acordo, exatamente, como é que o senhor vê o acordo?

Presidente: O grande obstáculo é a França.



Jornalista: É?

Presidente: O grande obstáculo é a França por...

Jornalista: (Incompreensível) da velha questão do...

Presidente: Da agricultura. E eu vou tentar fazer um esforço muito grande para ver se convenço o companheiro Sarkozy a flexibilizar e a gente fazer acordo União Europeia-Mercosul.

Jornalista: Isso está na pauta do senhor, não é?

Presidente: Está na minha pauta.

Jornalista: Como um dos objetivos...

Presidente: Aliás, está na minha pauta, não, está na minha prioridade, como candidato... como presidente do Mercosul.

Presidente: Do Mercosul.

Jornalista: Presidente, o senhor falou na melhoria das condições...

Ministro Franklin Martins: A última, tá?

Jornalista: O senhor falou na melhoria das condições econômicas, da questão do cidadão como consumidor, mas a segurança pública ainda é uma preocupação muito forte, não é?



Presidente: É.

Jornalista: Recentemente no Rio, houve um caso trágico, muito triste, do menino morto dentro de uma sala de aula. O Serra vem falando na criação do Ministério da Segurança, ao mesmo tempo, no Rio, a gente tem uma experiência interessante com as UPP's. Como é que o senhor acha que o governo pode, o governo federal, tem condição de intervir mais em uma questão que é mais propriamente dos estados, de como pode ajudar?

Presidente: Então, mas deixa eu lhe falar uma coisa. Primeiro, eu acho que se tudo fosse resolvido criando um ministério, nós não teríamos problemas no Brasil. Os tucanos têm experiência de governar vários estados importantes e pouca experiência de cuidar de segurança, pouca experiência. Então, acho muito pobre que um candidato diga “eu vou criar um ministério”. Segundo, é importante – e eu não tenho os números aqui – mas o Franklin pode arrumar para vocês... a Maya pode arrumar para vocês, o que nós fizemos no Ministério da Justiça, o que significam as políticas que nós adotamos nos últimos três anos para ajudar os estados a reduzir o problema da crise com a segurança pública. Posso te dizer, sem ver... a Maya pode te dar. Não tem momento na história em que o governo federal colocou a quantidade de dinheiro que colocou nos estados para ajudar a segurança pública.

Quando nós criamos o Pronasci, a gente fez uma revolução no conceito de segurança pública; quando a gente instituiu as Mães da Paz a gente criou uma outra revolução, que é fazer com que nas comunidades... Eu vou dar um exemplo: no bairro de Santo Amaro, em Pernambuco, que era o bairro mais violento, a violência diminuiu 70%. Porque o que é o Pronasci? O Pronasci, você chega lá, com as Mães da Paz, que são mulheres da própria comunidade, que vão tentar trabalhar os meninos que estão em área de risco. Você tem praça de esportes, você tem biblioteca, você tem, às vezes tem até 19 ações



do governo federal em um único bairro. Você tem a polícia comunitária, que tem ajudado muito, mas muito a resolver o problema da segurança; e temos feito convênios com todos os estados. E esses dados, depois a Maya ou Franklin pode dar para vocês.

A segunda coisa que eu acho é que as UPP's do Sérgio Cabral têm dado certo e é um modelo importante, é um modelo importante. Da mesma forma que é importante a chamada... Eu não sei como é o nome, mas, por exemplo, no Ceará também tinha uma ajuda do governo federal, aquela polícia comunitária que toma conta de um bairro.

Ministro Franklin Martins: (incompreensível) eles têm, alguma coisa assim.

Jornalista: De um bairro, de um quarteirão.

Presidente: Sabe, são... Quarteirão, sabe?

Ministro Franklin: Os índices de criminalidade caíram.

Presidente Lula: Aquilo é uma parceria do governo federal com o governo estadual. E acho que nunca houve tanta parceria. Nós poderemos pegar... Seria até bom, Franklin, em vez de a gente falar, se eles tiverem meia hora, eles conversarem com o companheiro do Pronasci, para explicar o que está acontecendo. Já fizemos experiência em São Bernardo do Campo com o Pronasci, já fizemos experiência em vários estados, e o sucesso tem sido extraordinário, na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. E o que é fantástico é que as crianças estão voltando à escola, estão perdendo o medo.

Então, eu acho que o problema de segurança pública é sempre um problema que ele está combinado com várias coisas. Ele está combinado com uma polícia, em que a gente aposte mais na inteligência do que na violência;



que a gente trabalhe muito fortemente a recuperação daqueles jovens e adolescentes que estão em áreas de risco; que a gente leve o Estado com uma estrutura da prefeitura, do estado e do governo federal, com biblioteca, com curso de formação profissional, com ponto de cultura, com área de lazer.

E, aí, também, vocês são meus convidados, quando eu for, agora, visitar o Complexo do Alemão, Manguinhos, Pavão-Pavãozinho e Rocinha, para vocês verem...

Jornalista: Vai agora?

Presidente: Para vocês verem o que está acontecendo nesses bairros, no Rio de Janeiro, o que está acontecendo na Favela de Heliópolis, em São Paulo. Nós estamos atacando todas essas áreas, porque estamos convencidos de que é o papel do Estado, sendo útil à sociedade, que vai mostrar para ele que ele não precisa de um bandido para lhe dar alguma garantia.

Nós, agora, estamos trabalhando fortemente a questão do *crack*. O *crack* é uma coisa nova, que não existe especialista no mundo, ainda, sobre como tratar o *crack*, os efeitos do *crack*.

Jornalista: Que é devastador, não é?

Presidente: Porque o efeito dele é muito curto, é de cinco a 15 minutos, então, a pessoa...

Jornalista: 15 segundos.

Presidente: Não, de cinco minutos a 15 minutos.

Jornalista: Cinco minutos a 15?



Jornalista: É, é o “barato”.

Presidente: Então, o cara está sempre querendo acender o cachimbo, porque o “barato” vem e acaba, vem e acaba, vem e acaba. Ou seja, então é uma coisa nova. Nós estamos com vários jovens internados em tratamento, estudando, criamos uma comissão especial para isso, coordenada pelo Gabinete Institucional, e vamos atacar forte, ou seja, vamos... já temos 410 milhões este ano para ajudar os prefeitos que já tiverem clínica de internação desses jovens, porque essa é uma droga devastadora, de todas elas, é a pior, porque chegou à periferia das cidades do interior e chegou às pessoas mais pobres do país.

Jornalista: É triste isso.

Jornalista: Presidente, falando de outro tipo de craque, ontem o senhor assinou (incompreensível) ideia de aumentar a capacidade de endividamento das cidades que serão sede da...

Presidente: Da Copa do Mundo

Jornalista: Da Copa do Mundo. O senhor vê que... o senhor acha que isso aí resolve o problema de...

Presidente: Veja, nós já temos um financiamento de R\$ 400 milhões para cada estado para fazer, para cuidar do estádio.

Jornalista: Mas esbarra na questão da responsabilidade fiscal...



Presidente: Nós já temos 5 bilhões... não, mas esse das cidades resolveu. Nós já temos 5,7 bilhões para a questão dos aeroportos e temos no PAC a questão da mobilidade urbana. Eu acho que o Brasil vai fazer uma baita de uma Copa do Mundo, o Brasil vai dar... agora, as pessoas não podem querer ficar exigindo um modelo Berlim, um modelo não sei das quantas, porque nós somos um modelo Brasil, nós somos um modelo Brasil, e nem seria bom que a gente fizesse o modelo de nenhuma.

Jornalista: É verdade

Presidente: Nós temos que fazer estádios bons, dar conforto, dar garantias para as pessoas chegarem ao estádio e preparar o Brasil para ser campeão. Eu, nesse momento, eu estou preocupado. Por que? Porque o técnico que for ser indicado agora pela Federação... vamos falar um pouco de esporte agora.

Ministro Franklin Martins: Que bom.

Presidente: Porque eu vi muito esporte aqui no jornal...É verdade.

Jornalista: Está boa a cobertura de esporte? O que o senhor acha?

Presidente: Está boa, está boa. Tem uma...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Eu...mas é o seguinte, você sabe que, você sabe que nós temos...se a gente ficar analisando, vocês que entendem de futebol, nós temos alguns técnicos que podem ser chamados. Nós temos o Felipão, nós temos o Muricy, nós temos o Luxemburgo, nós temos o ...



Jornalista: O Mano.

Presidente: O Mano Menezes

Ministro Franklin Martins: O Presidente (incompreensível) porque ele não quer que ele saia.

Presidente: Temos o Mano Menezes. Agora veja, a CBF tem razão, não pode esperar 2012 para escolher um técnico, porque o que vai acontecer? O técnico escolhido para a Seleção de 2014 ele vai ter que formar a Seleção. Nós não vamos ter mais nenhum desses craques em condições de disputar a Copa do Mundo de 2014. Nós vamos ter uma série deles com 30 ou mais de 30 anos. Alguns já estão com 30, agora. Então, se você quiser um novo, você pega o Robinho, o Kaká, 26 ou 27?

_____ : 28 anos.

Presidente: ou seja, já vão estar com 30 e poucos anos, ou 30 anos. Ou seja, então significa que você vai ter que pegar uma geração que hoje tem 20 anos, 19 anos ou 21 anos e prepará-los para chegar na Copa do Mundo com 25 ou 26 anos. Então, veja, tem que ter um trabalho de garimpo, tem... nós agora vamos fazer a Sub-20, nós temos que escolher bem a Seleção. Nós vamos ter as Olimpíadas em Londres, nós vamos ter que ter uma Seleção Olímpica que já leve em conta o que vai acontecer em 2014. Nós, eu não sei se lá fora tem essa quantidade de jogadores que teve até agora. Porque você pega, Lúcio, está lá fora há mais de oito anos; Juan há mais de oito anos; Júlio César há mais de oito anos; está todo mundo há muitos anos lá fora. Você não tem outra geração.



Jornalista: Mas eu acho que a próxima vai ser só com jogador que joga aqui, Presidente.

Presidente: É que o jogador não fica aqui muito tempo, se ele marcar dois gols já é convocado, cacete!. Se ele marcar dois gols ele já é chamado para fora. Eu, para mim, eu até sugeri ao Ricardo Teixeira que eu, se fosse técnico da Seleção, eu faria uma Seleção daqui de dentro para fazer uma turnê. Ao terminar o Campeonato Brasileiro eu convocaria uma Seleção aqui dos melhores e faria uma turnê, sabe, só com os meninos daqui, obviamente sem desprezar os bons que estão lá fora. Mas, fazia uma...

Jornalista: ... uma valorização da...

Presidente: Não, porque também para a meninada falar: “Puxa, eu posso ser convocado se eu tiver no Brasil” Porque se ele achar que ele só pode ser convocado se estiver jogando no exterior, ele só quer ir para o exterior. Além de ganhar mais, ainda é convocado para a Seleção!

Jornalista: Desses quatro que o senhor falou, qual é o seu preferido: Felipão, Muricy, Luxemburgo ou Mano?

Presidente: Olha, a última boa lembrança que a gente tem, querido é do Felipão, 2002. É a última boa lembrança que a gente tem.

Jornalista: (incompreensível).

Presidente: Mas, eu acho que ser técnico da Seleção não é ser técnico de clube. É importante ter em conta isso. Você, em um clube, você está treinando



um time de tenentes. Quando você chega na Seleção é um time de generais. São quatro estrelas.

Jornalista: ... (incompreensível) cinco, não é Presidente, põe mais uma...

Presidente: Para você dar uma ordem, você tem que ter um técnico que tenha autoridade moral, que construa isso, respeitabilidade... Porque, veja, a liderança, a liderança... tem muita gente que acha que a liderança é medo. Eu tenho medo de você, então você é líder. Não. Isso não é... liderança é respeito. Liderança, você não tem um pingo de medo, liderança você tem muito respeito. Eu faço as coisas que o Franklin pede para mim porque eu respeito ele, não porque eu tenho medo dele. Então, o jogador de futebol precisa pensar isso: Eu vou me dedicar, vou cumprir aquilo que o técnico mandou, por respeito a ele, porque eu confio nele e porque o objetivo dele é o mesmo nosso. Então, eu acho que é assim que vai ter que escolher, sabe? Nós temos nomes, o que nós estamos é numa entressafra de jogadores, muito séria. O Santos estava embalado, embalado, embalado, embalado, depois que perdeu do Corinthians desarranjou tudo, não ganha mais nenhuma, porra. Perdeu do Palmeiras de 2 x 1, perdeu do Fluminense, o Neymar, que é uma grande esperança de todos nós, ele tem ficado muito nervoso, ele tem ficado... ele tem perdido...

Ministro Franklin Martins: ...a calma...

Presidente: ... a calma, desnecessariamente. Talvez, quem sabe, seja necessária uma conversa, ele é uma criança, então precisa conversar de pai para filho com ele e... Bom, então eu acho que nós temos que criar, fazer uma nova Seleção. O técnico tem essa responsabilidade. Olhar o mundo, olhar o mundo, ver quem é que está jogando bem, quem é que não está, sabe, mas olhar aqui dentro, também. Olhar aqui dentro. Eu, por exemplo, nessa Seleção



eu disse, eu achei uma loucura não levar o Hernanes do São Paulo. A gente não tem muita gente igual ao Hernanes jogando no mundo, aí. Ele ficou aqui, não foi.

A verdade é a seguinte: para levar o Michel Bastos era melhor ter levado o Roberto Carlos. Eu, sem nenhum critério, mas nós vimos toda a Copa do Mundo... ou levar um outro companheiro, tem aí o André Santos, o Gilberto, que foi e não jogou, tem...

É isso, o jogador da Seleção tem uma coisa, olhe, que talvez o torcedor não dê, não dê palpite exageradamente, mas jogador de Seleção não basta ser bom de bola. Ele tem que ser bom, mas ele tem que ter alma. A Seleção é uma coisa diferente, ali é a camisa do Brasil. Eu já achei um avanço nesse Seleção, porque eu vi que todos cantaram o Hino Nacional. Não era hábito cantar o Hino Nacional, já foi um avanço.

(\$31DHJLP)